

Ensaaios de um Poeta

Rita Taborta Duarte

sobre Nuno Júdice.

As Máscaras do Poema.

Lisboa: Aríon (coleção Parque dos Poetas), 1998.

Nuno Júdice, poeta, ensaísta, professor, vem regularmente publicando em áreas diversas, da crítica ao ensaio, da ficção à poesia, passando por breves incursões pelo teatro e tradução. Este livro, sob a retórica do título *As Máscaras do Poema*, reúne cerca de quarenta curtos ensaios, alguns inéditos, outros já editados esparsamente em diferentes publicações. E embora o livro não se dedique exclusivamente ao estudo da poesia, não há dúvida de que ela constitui o seu tema primeiro, estando sempre presente a difícil trilogia que une poesia, linguagem e realidade.

Se no poeta Nuno Júdice se descobre com frequência marcas de um discurso teórico, acentuado pelo carácter predominantemente auto-reflexivo da sua poesia, em que se desenha, a cada momento, o traçado de uma poética, também neste conjunto de textos, sobressai uma noção de poesia mediada pelo olhar, por vezes quase introspectivo, do poeta. Sem querer vincar uma intromissão de géneros, nem insinuar uma qualquer especial mundividência nestes domínios pelo facto de se tratar, também, de um poeta a escrever sobre poesia, pode-se simplesmente dizer que há—se nos lembrarmos um pouco de toda a obra poética de Nuno Júdice, nomeadamente dos livros mais recentes como *O Movimento do Mundo* ou *Meditação sobre Ruínas*—um paralelismo nas questões levantadas. De uma forma ou de outra, a crença em duas linguagens (uma poética ou literária e outra quotidiana) de difícil coexistência, a noção de que existirá uma geral incapacidade tanto do poema como da língua comum para dizer as coisas do mundo, estão presentes nos textos teóricos e depreendem-se com similar facilidade como tópicos poéticos.

A linguagem destes breves ensaios é límpida e concisa (como não podia deixar de ser por alguns dos textos terem já sido publicados em jornais e revistas de ampla divulgação) e a apropriação pessoal dos temas não é nunca impeditiva do rigor teórico.

Bons exemplos desta capacidade de conjugar complexidade e acessibilidade são entre vários, o texto “Uma linguagem insurrecta,” a propósito de

Luiza Neto Jorge, inserido num conjunto mais amplo denominado “Alguns percursos contemporâneos” e “*Ut pictura poesis e vice-versa.*” O primeiro, um texto muito curto, excedendo pouco mais que a página e meia, introduz quase sem se dar por isso, pela utilização de uma linguagem depurada e sensibilizada, linhas inovadoras para uma releitura de Luiza Neto Jorge, como a sugestão da metáfora como valor autónomo, como “utilização que assume em pleno o seu estatuto metafórico, prescindindo de processos descritivos ou analógicos, sem concessões a um diálogo com a tradição lírica anterior” (217).

O segundo exemplo, “*Ut pictura poesis e vice versa,*” integrado no capítulo dedicado a “Outros Estudos,” tem em linha de conta a poesia efrástica (ou seja aquela que supostamente terá um objecto artístico por referente) a partir da poesia de Pedro Tamen.

O pressuposto inicial do texto é o de que pintura e poesia estão unidas na sua própria essência e que “o poema é, antes de mais, uma imagem—metáfora nuclear de expansões mais ou menos lógicas, ou pelo menos criando a sua própria lógica que se afasta do princípio racional da linguagem com que organizamos o mundo” (198). A partir deste tópico, Nuno Júdice avança para uma análise sistemática do poema “Como se constrói uma casa,” que teria por referente uma sequência de doze quadros de Manuel Amado. Para além da minuciosidade na interpretação do poema, do diálogo estabelecido quase verso a verso, o interesse deste texto reside na noção teórica que o sustenta, nomeadamente numa subtil e progressiva negação e demarcação da impossibilidade de existência do processo efrástico em si, na medida em que implicitamente é negada a relevância de um referente para o poema, quando se afirma que a linguagem da poesia é em si mesma imagética e que não remete para nenhuma realidade que não ela mesma. O diálogo que se pensaria existir entre o quadro enquanto objecto artístico e o poema é desviado para uma noção de poesia que remete tudo para a “construção” poética: “O princípio efrástico—que consiste em ter como referente do poema um quadro—é resolvido numa solução intratextual, quando o mar [a série do pintor Manuel Amado intitula-se “A casa sobre o mar”], objecto carregado de vários pontos de vista (visual, sensorial, simbólico...) é esvaziado da sua realidade para se transformar numa imagem” (199)

São vários os estudos deste livro, que cobre diversos nomes da literatura portuguesa, passando por figuras literariamente tão diferentes como Eça e Camilo (também o título de um ensaio), Manuel Laranjeira, Mário de Sá-

Carneiro, Almada Negreiros, Florbela Espanca, a par com autores contemporâneos, como Assis Pacheco, Paulo Teixeira, João Camilo, entre outros. Neste volume, sem dúvida eclético, também não é esquecida uma reflexão sobre poesia feminina em Portugal onde se contam os nomes de Sophia de Mello Breyner, Natália Correia, Ana Hatherly, Luiza Neto Jorge, Irene Lisboa, Fiamma, Maria Teresa Horta, sem esquecer a polémica Adília Lopes. Mas nem só autores contemporâneos, ou de um passado relativamente recente na história literária, são trabalhados nesta obra que ainda dedica todo um capítulo a uma "Releitura de Bernardim Ribeiro," visto como um autor em transição entre os modelos medievais e renascentistas, mas cuja construção literária se move segundo "o arquétipo medieval."

Mas se esta obra de Júdice vai traçando um percurso à deriva pelos mais variados temas e autores, existe no entanto, como já se viu, um núcleo central que parte em busca do esclarecimento de alguns enigmas da produção poética. Não é aliás por acaso que o livro abre e fecha com dois capítulos dedicados em exclusivo à poesia enquanto questão teórica, "Sobre poesia" e "Poesia e tradução." E se é principalmente nos ensaios organizados sob estes títulos que a questão da poesia e sua relação com o sujeito e o mundo é exposta em toda a sua visibilidade, muitas vezes também nos restantes transparece uma análise literária fundada no delinear de um percurso de uma concepção poética: a linguagem assumida como portadora autónoma de sentido, não deixando porém de se perspectivar o literário do ponto de vista da subjectivação de um sujeito; um redimensionar da necessária trilogia autor-texto-leitor, não esquecendo, entretanto, a relação sempre ambígua entre poesia e realidade.

No fundo, o que acaba por estar sempre em causa no decorrer do livro, mesmo que o problema não seja nunca levantado exactamente nestes termos, é essa tão dissimulada, quanto inevitavelmente fracassada, busca da literariedade, daquilo que transforma um poema em poesia, um texto em literatura.

Neste ponto, Nuno Júdice não levantará nenhum assunto totalmente inovador, muito embora, percorra com subtileza (e originalidade nos modos de dizer), estes tópicos já tão discutidos pela teoria literária. De qualquer forma, a consciência de uma incapacidade da linguagem para referenciar totalmente as coisas do mundo surge como a principal "fatalidade" que assombra poesia e literatura, a par da certeza, incómoda e inconformada, de que as palavras permanecem sempre aquém da realidade. O entendimento do poético situa-se, então, inevitavelmente, em torno da noção de indizível, da convicção de que existe uma *trans-realidade* só alcançável pela mediação da poesia, e a que

a linguagem quotidiana não poderia aceder. Consequentemente, o poema tornar-se-ia o resultado de “uma desilusão primitiva com o mundo de que a rejeição da palavra como objecto-do-mundo é o passo decisivo.” Segue-se então necessariamente uma concepção utópica, redentora, e mesmo funcionalista, da poesia: frente à afasia da linguagem comum, o poema ergue-se como o esforço de “nomeação desse outro mundo, para além da esfera do real, que só pode ser trazido à consciência através da palavra poética, mas que logo a transcende e transfigura no processo da sua actualização” (12).

É nesta continuada busca dos procedimentos especificamente poéticos que a poesia se funda como a criação de um mundo autónomo, mas que não deixa de conduzir à relação dialógica entre texto, autor e leitor. Assim, talvez seja possível dizer que no contexto da história da crítica, nos situaremos numa posição intermédia entre um entendimento romântico da literatura, centrado essencialmente na noção de autoria, e a sua transferência para a própria materialidade linguística do texto. Dá-se, então, “uma revisão de tão radical eutanásia, sem que, no entanto, se possa dizer que voltemos ao ponto anterior, ou seja, àquele em que era a personalidade do Autor que dava total legitimidade e autenticidade ao texto”(43); a presença do sujeito enunciador, mesmo do autor, adquire novamente a sua relevância literária, mesmo que se trate de uma “ficção do escritor,” mesmo que a sua existência só possa ser concedida pela mediação diferida do leitor, pelas máscaras várias que lhe são atribuídas. E sempre nesta linha ambígua, em que se nota o esforço do autor para não se separar radicalmente do que escreve, num tom próximo do confessionalismo, talvez quase da auto-interpretação, Nuno Júdice adianta que “escrever poesia é uma forma de conservar o que, em cada dia, vamos perdendo: o ser no tempo, a identidade do eu na dissolução do sujeito devorado pelo movimento do mundo” (curiosamente, *Movimento do Mundo* é o título de um recente livro de poesia do autor).

Sempre na convicção de que o poeta “escreve para si mesmo,” Nuno Júdice acaba por afirmar a presença do autor como parte fundamental da instância poética, já que será “nesse eu, no coração do sujeito, que se encontra o ponto de partida e de chegada dessa corrida contra-relógio—quer seja o sujeito da escrita, esse ser gramatical ao qual cada um de nós tem de dar um rosto que não é nunca o seu verdadeiro rosto, porque a linguagem não tem nunca um rosto definitivo, quer seja o sujeito que inventa esse ser, a quem chamam o autor, se bem que tenham tentado reduzi-lo a uma simples categoria teórica, sem substância real”(52).

Paralelamente, acaba por ser pela percepção de que um poema excede os seus significados temáticos, através da especificidade da sua linguagem, e de um outro “plano trans-semântico,” que surgem os ensaios finais do livro subordinados ao tema “Poesia e Tradução.” Aqui surge a evidência da impossibilidade de uma tradução literal da poesia. A hipótese sugerida por Júdice não é nova e quase se resume à imagem da capacidade de refiguração do poema na nova língua. No entanto, o tema torna-se interessante por convocar uma vez mais a noção de autoria poética, e a ideia de que o acto de traduzir não seria mais do que a criação de uma nova máscara de sujeito, ajustada agora ao rosto do novo poeta-tradutor.

Mas o mais interessante é reparar que quase tudo isto já Nuno Júdice escrevera de forma mais sucinta e transparente, sob outra máscara que não a do crítico e ensaísta: “As palavras, porém, não são o essencial, / nem sequer nos permitem ver o mundo de que / apenas indicam a entrada. Chegamos / a essa porta; e impede-nos de passar / para o outro lado uma névoa branca, que se / confunde com o brilho do papel” (*Movimento do Mundo*, Lisboa: Quetzal, 1996).